

Cristologias: Pluralidade Teológica na Compreensão de Cristo

*Alonso de Souza Gonçalves**

Resumo

O artigo pretende demonstrar as diversas interpretações teológicas que as comunidades primitivas fizeram sobre Jesus. Partindo do ponto de que os autores do Novo Testamento não pretenderam construir uma biografia sobre Jesus, mas sim interpretá-lo para o contexto imediato em que a comunidade vivia, fazemos uma leitura cristológica a partir das comunidades que estão por trás do texto. É a partir disso que construímos uma visão panorâmica das diversas interpretações cristológicas sobre a figura e atuação de Jesus. A cristologia passa por transformações, ou evoluções, quando o evangelho entra em contato com outra cultura e contexto social. O papel e a atuação de Jesus de Nazaré será determinado pelo contexto imediato da comunidade.

Palavras-chave: Comunidades primitivas, Jesus, teologia bíblica

Abstract

The article intends to demonstrate the diverse theological interpretations that the primitive communities had made on Jesus. Leaving of the point that the authors of the New Testament had not intended to construct the biography on Jesus, live yes it interprets it goes the immediate context where the community lived, we make the cristológica reading from the communities that it plows it goes backwards of the text. It is from that we construct the panoramic vision of the diverse cristológicas interpretations on the represents and performance of Jesus. The cristologia passes goes transformations, or evolutions, when gospel enters in contact with another culture and social context. The paper and the performance of Jesus of Nazareth will be determined by the immediate context of the community.

Key words: Primitive communities, Jesus, biblical theology.

Introdução

Partindo da concepção de que o Novo Testamento cobre uma diversidade cultural, social e regionalista, não se pode negar o caráter pluralístico da teologia(s) neotestamentária em contato com ouvintes/leitores de mentalidade diferente - judaica e helênica. É a partir disso que surge a diversidade de interpretações contextuais, uma vez

* *Pastor da Igreja Batista Memorial em Iporanga/SP, professor da área de Teologia Bíblica no Seminário Teológico Batista Vale do Ribeira e Filosofia no Ensino Médio.*

que as comunidades primitivas estão, indubitavelmente, por trás do texto neotestamentário refletindo e fazendo teologia com o *querigma* levando em consideração o contexto social, intelectual e cultural. Dai a diversidade cristológica. E essa diversidade é riquíssima porque não engessa a figura de Jesus em determinado conceito. Ora o vemos como profeta taumaturgo; o Messias esperado; o Cristo cósmico; o Filho do Homem; o enviado de Deus. Os títulos cristológicos vêm demonstrar a crescente necessidade de *adaptar* a figura e mensagem de Jesus às diversas culturas e contextos sociais em que o evangelho teve contato. Uma cristologia apocalíptica e escatológica nos textos de tradição judaica, outra perspectiva partindo da *preexistência* do ressuscitado e sua importância cósmica na cultura helênica.

Com esta reflexão queremos ainda demonstrar que a figura de Cristo não pode ser enquadrada em uma forma definida como aquela em que os concílios determinaram para dar resposta às diversas interpretações feitas em torno de Cristo, porque não souberam lidar com a diversidade teológica do Novo Testamento – refiro-me as "heresias" do monofisismo, docetismo e arianismo. Mas Calcedônia também não fez outra coisa senão postular e fechar a questão com argumentos político-filosóficos, fundamentados mais em uma concepção grega do que bíblica-teológica.

A grande riqueza da diversidade teológica é que a figura do Ressuscitado é polissêmica, e não há a necessidade de se fazer malabarismo com o texto para se evitar problemas. Essa pluralidade deve ser vista como a primeira tentativa originária de entender o Cristo e torná-lo significativo para a cristandade primitiva.

I. Entre o Jesus Histórico e o Cristo da Fé

Uma velha e conhecida questão que movimentou a exegese neotestamentária nos últimos séculos foi a questão do Jesus histórico. Surgiram diversas tentativas metodológicas para pensar sobre o Jesus histórico,¹ principalmente depois do Iluminismo onde se desenvolveu uma hermenêutica da suspeita contra a confessionalidade da Igreja.²

¹ BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. Em um de seus apêndices, a partir da p. 1057, ele faz uma análise dos grandes momentos da exegese em torno do Jesus histórico.

² LÓPEZ, Ediberto. *O Jesus da História – Preliminares Metodológicas*, p. 16.

Albert Schweitzer, em seu livro *A Busca do Jesus Histórico*, demonstrou que o "Jesus histórico" era mais parecido com os autores e suas auto-representações conceituais do que, propriamente, com o Jesus bíblico, patenteando assim a dificuldade em se postular uma definição objetiva e contundente a respeito do tema.

O Jesus histórico (terreno e real com suas esperanças, desejos e expectativas) é inseparável do Cristo da fé (crido e proclamado pela comunidade). Não querendo levantar questões de método sobre a historicidade de Jesus, até porque não é nosso interesse aqui, admitimos que a comunidade primitiva interpretou a figura de Jesus sem qualquer intenção de estar produzindo algo "histórico." O interesse não era "veracidade" de fatos fotográficos, mas a dimensão eclesial de uma nova postura frente a novidade espetacular do Cristo crido e confessado por uma comunidade que experimentava a presença do Ressuscitado em seu meio. Partimos do fato de que o surgimento das diversas interpretações do Cristo da fé é fruto de um contexto histórico-social com suas imagens e significados que têm como fim tornar Jesus relevante para aquele determinado tempo. Essa multiforme maneira de ver a figura de Jesus produziu uma amálgama de conceitos, experiências e teologias. Temos, portanto, um Cristo retratado pela ótica das *comunidades* e seus autores, um Cristo interpretado e crido pela e para a comunidade de fé.

Diante disso, levantar a questão se Jesus tinha ou não *consciência* de que era o Messias é irrelevante no momento em que percebemos que é a comunidade que define os traços dele conforme suas tradições e expectativas teológicas, colocando os relatos evangélicos, geralmente, em *ex eventu*. Para Bultmann é a comunidade que o torna em Cristo quando transforma o portador da mensagem em conteúdo essencial da mensagem. O anunciador tornou-se o anunciado.³ Por isso, nos interessa aqui esta compreensão e transformação de Jesus de Nazaré em Cristo da fé proclamado e vivido pela cristandade primitiva. Mas todo este processo precisou ser fundamentado e entendido – de Nazareno crucificado ao Cristo exaltado.

O Nazareno só foi ser o Cristo exaltado depois da ressurreição. É depois da ressurreição que a comunidade olha para trás e faz uma leitura cristológica pré-pascal depois do evento pascal. Por isso não nos admira ver os evangelhos pintarem o Jesus pré-

³ BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*, p. 74.

pascal com as cores do Jesus pós-pascal.⁴ Com isto queremos ratificar que, embora a problemática acerca do Jesus histórico seja interessante, não temos a mínima intenção de levantar a questão aqui, apenas refletir, ou tentar, em cima daquilo que a comunidade primitiva compreendeu a respeito de Jesus depois de sua ressurreição.

II. Ressurreição e o Princípio da Continuidade

É preciso procurar uma razão para que a comunidade primitiva, e os textos que temos dela, adquirisse uma consciência de participação na obra e mensagem de Jesus. Outra não podemos encontrar senão o evento da *ressurreição*. Não podemos encontrar outra base a não ser está. Bultmann chega a admitir a possibilidade da fé na messianidade de Jesus ter sido desenvolvida juntamente com e a partir da fé na ressurreição.⁵ Não são os milagres do Nazareno que o qualifica como *Messias*, até porque na sua época a atividade taumaturga era freqüente, embora ratificasse sua mensagem, mas cabalmente a sua ressurreição.

A ressurreição é o evento, por natureza, que irá dar o impulso necessário para que um punhado de discípulos medrosos se tornassem uma comunidade escatológica. A discussão quanto à *natureza* da ressurreição - psicológica, subjetiva, objetiva, física, espiritualizada - não é importante, porque é através dela, e somente dela, que os discípulos compreende e formula teologia(s) em torno do Ressurrecto (o Servo Sofredor de Is. 53; o Filho do Homem de Dn. 7 etc.). As aparições do Ressuscitado marcam o início de uma nova era para a comunidade pós-pascal. A ressurreição levou os discípulos a rever todo o trajeto do Nazareno refletindo e tornando-o relevante para o seu contexto. Ela é interpretada pela comunidade como o sim de Deus para com ele e sua obra.⁶

A ressurreição possibilitou uma construção teológica por parte da comunidade permitindo fazer uma leitura pré-pascal do Ressuscitado e a partir disso formulou relatos e interpretou a mensagem do Nazareno. Essa formulação só foi possível pelo *princípio da continuidade*. Ou seja, aquilo que os discípulos de Jesus creram e aquilo que eles praticaram não é necessariamente incompatível com o que ele (Jesus) teria crido e

⁴ ZUURMOND, Rochus. *Procurais o Jesus Histórico?* p. 47.

⁵ BULTMANN, Idem. p. 66.

⁶ FRAIJÓ, Manuel. *O Cristianismo*, p. 120.

praticado.⁷ A comunidade não separou o Jesus histórico do ressuscitado, assim como o Jesus histórico é para a comunidade o ressuscitado, assim também a sua palavra assume os traços do presente. O evento da ressurreição dá credibilidade para a comunidade falar em nome de Jesus com uma liberdade sem precedentes. É claro que isso mostra uma inegável fidelidade e ligação às palavras de Jesus e ao mesmo tempo uma assombrosa liberdade com o teor “histórico” das suas palavras. Mas isso só foi possível porque os discípulos entenderam de que eram co-participantes na obra de Jesus, daí esta idéia de *continuação* agora por meio da comunidade de fé.⁸

A comunidade, depois da ressurreição, tem uma profunda compreensão de ser continuadora da mensagem de Jesus. Com isso não se pretende reproduzir e nem mesmo transmitir com fidelidade "histórica" as palavras que Jesus falou um dia; a exigência "histórica" é de quem ler o texto com a mentalidade lógica fornecida pelo racionalismo ocidental. Aos discípulos, à comunidade, não interessava a *ipsissima verba*⁹ ou a *ipsissima vox*¹⁰ de Jesus, mas a sua atuação agora vivo; as palavras de Jesus são a sua palavra hoje vivida e interpretada, de acordo com as situações (*sitz im leben*) que a comunidade possa esta passando, como se o próprio Jesus estivesse falando e como se ele estivesse ensinado a comunidade (Jo 2,22; 12,16).

Não podemos deixar de observar que esta liberdade de formulações e construções teológicas tem suas bases. Uma delas é a inegável certeza de que o Ressuscitado estava no meio da comunidade através do seu *Espírito* (em Paulo principalmente; Mt. 18,20). No entender da comunidade é o *Espírito* de Jesus que atua; a força que os dinamiza é a força de Cristo habitando no meio da Igreja;¹¹ a ceia é outro fator determinante porque é por meio dela que a comunhão com o Senhor Ressurrecto é concretiza (Lc. 24,13-32). A convicção de que Jesus estava vivo no meio deles era plena quando participavam do "partir do pão". Ora, se Jesus estava vivo no meio da comunidade, logo as suas palavras estavam vivas, sendo palavras do Jesus morto ressurrecto. Mesmo reconhecendo aqui que as suas palavras receberam forma e conteúdo pela fé (a tradição), reconhecemos que esta fé só foi possível pela ressurreição. Os textos, que são produto desta fé, não interpretaram as “palavras” de

⁷ NOGUEIRA, Paulo. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*, p. 76.

⁸ SACHOT, Maurice. *A Invenção do Cristo*, p. 60.

⁹ "As próprias palavras de Jesus".

¹⁰ "A própria voz de Jesus".

¹¹ MAINVILLE, Odette. *Os Sinóticos e os Atos dos Apóstolos*, p. 194.

Jesus como algo no passado, mas sim suas palavras como algo no presente e sendo atualizadas para a vivência da comunidade.¹² Certamente suas palavras estavam vivas como as palavras do Jesus vivo e assim emanava força e inspiração para a vida da comunidade que vivia em constante perseguição. A lembrança das palavras de Jesus e uma nova compreensão dessas palavras se tornaram o fundamento existencial das comunidades.¹³

É com isso - seu *Espírito* e a *ceia* - que a comunidade detinha dois elementos concretos de experimentação da presença de Cristo, e não viram em sua morte-ressurreição a ruptura, mas a continuidade. Por meio do *princípio da continuidade* eles interpretam a obra, mensagem e a morte-ressurreição de Jesus com a certeza de que ele estava vivo e presente.

É por este fato que não temos um Novo Testamento homogêneo, mas plural em sua cristologia. As várias comunidades e autores entenderam e interpretaram Jesus de modo diferente. Essa diversidade em compreender Cristo foi pluralístico desde o início.¹⁴ Basta darmos uma olhada nos escritos neotestamentários para observar a diversidade e a multiplicidade de títulos aplicados a Jesus. Tudo isso devido ao fato do Nazareno ser agora o Cristo ressurrecto. Um exemplo disso, bem rapidamente, é a diversidade quanto às *fontes* e ênfases dos textos neotestamentário. Paulo, por exemplo, foi o primeiro a escrever depois do evento Cristo. Ele centralizou sua mensagem na cruz, não conhecendo o nascimento virginal e muito menos o batismo de Jesus, mas a sua descendência davídica e seu nascimento por mulher (Rm. 1,3; Gl.4,4); o autor do evangelho de Marcos conhece o batismo, mas desconhece o nascimento virginal; já os autores de Mateus e Lucas narram nascimento virginal e batismo; e só para constar, o evangelho de João busca uma compreensão cosmológica trabalhando com o *logos* - princípio organizador do universo.¹⁵ Essa diversidade hermenêutica é rica em conteúdos teológicos.

É com estes postulados que gostaríamos de refletir, de forma panorâmica e sucinta, sobre a pluralidade cristológica adotada nas comunidades nascentes. Os primeiros cristãos não formularam nenhum tratado dogmático acerca de Jesus. Antes, a comunidade começou vivendo a sua fé como uma relação viva com Jesus.

¹² BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*, p. 162.

¹³ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, vol. 2, p. 97-98.

¹⁴ ROSSÉ, Gérard. *Testemunho do Novo Testamento acerca de Jesus Cristo*, p. 50.

¹⁵ MESTERS, Carlos. *Deus, Onde Estás?* p. 125-126.

Só a partir desta experiência e em função dela é que caminha para uma reflexão na qual se articula, explica e exprime a sua fé.¹⁶

III. As Comunidades Interpretam Jesus

A compreensão cristológica das comunidades tem como pressuposto a ressurreição de Jesus. A leitura do Antigo Testamento passa pela ótica do Cristo, e as escrituras são coadunadas com a obra e mensagem do Messias. É este fato que dá motivação para que os primeiros cristãos esquadrihem o Antigo Testamento para dar validade e entendimento sobre tudo que ocorreu com Jesus de Nazaré.¹⁷ Por isso a reflexão cristológica é, necessariamente, pós-pascal. É com esta perspectiva que surgem os títulos cristológicos. Foi somente depois da páscoa que a comunidade foi capaz de assumir, plenamente, títulos para o Nazareno. Porque o maior interesse dos autores, que estão por trás das comunidades, foi atualizar a figura de Jesus para a comunidade dentro de seu contexto e fé nascente.¹⁸

Os diferentes centros cristãos produziram concepções teológicas conforme seu momento dentro da história e necessidade imediata vividas pelas comunidades. Aparecem, portanto, um Jesus feito o Cristo nas igrejas de Jerusalém; o *preexistente* no mundo grego e sua relação com o *cosmo* na concepção helênica.

Como nossa intenção é suscitar a reflexão e demonstrar a pluralidade cristológica, alguns assuntos não serão considerados, como por exemplo, a figura do Servo Sofredor. Limitemos a uma visão panorâmica dos diversos contextos e concepções cristológicas.

3.1. O Judeu-Cristianismo Palestino de Jerusalém¹⁹

É a comunidade da Judéia, especificamente de Jerusalém, centro religioso para os primeiros cristãos, que interpretou a figura de Jesus com categorias judaicas. Com o intuito de continuar a obra de Jesus no e para o povo judeu,²⁰ a comunidade atribuiu alguns títulos a Jesus, para designar sua importância e dignidade, emprestados da tradição messiânica

¹⁶ PALACIO, Carlos. *Jesus Cristo: História e Interpretação*, p. 77-78.

¹⁷ WITHERINGTON III, Ben. *História e Histórias do Novo Testamento*, p. 49.

¹⁸ PALACIO, Idem. p. 74, 136.

¹⁹ MYRE, André. *Jesus e seu Movimento*, p. 103.

²⁰ Idem, p. 104.

judaica.²¹ A comunidade se apropria de imagens de seu mundo cultural para compreender Jesus dentro de suas categorias teológicas. Vem desta comunidade a compreensão do Ressuscitado como Messias da linhagem de Davi. A apropriação de conceitos escatológicos e apocalípticos é feita para interpretar a figura de Jesus e seu papel para a novel igreja.²²

Sendo a ressurreição o elemento dominante de reflexão e o evento primordial, a comunidade palestinese viu em Jesus de Nazaré as promessas sendo cumpridas. Daí a necessidade de uma profunda reflexão para enquadrar Jesus no pensamento judaico.

Os judeus, desde a época dos macabeus, respiravam ares da mentalidade apocalíptica. Essa expectativa alimentava a esperança daquele povo. Não foi diferente na comunidade judaica palestinese, a *parusia* era determinante. Eles esperavam os fins dos tempos e o juízo escatológico. A venda de propriedades esta, provavelmente, relacionada com essa concepção escatológica. Com a intervenção de Deus por meio de Jesus, o fim estaria iminente. A comunidade recebe o Espírito Santo (At. 2,17), considerado como dom característico dos finais dos tempos; tudo isso fazia com que a comunidade compreendesse os últimos acontecimentos como um fim escatológico. Seria, portanto, natural que a comunidade palestinese esperasse a volta gloriosa de Jesus para aqueles dias. Essa crença apocalíptica e escatológica serão as categorias em que Jesus será compreendido depois de sua ressurreição.

A ressurreição é entendida como entronização de Jesus como *Senhor e Cristo*. É inegável de que para a comunidade palestinese a ressurreição tornou o Nazareno em *Messias* – At. 2,36; 13,33. E não é admissível colocar uma doutrina surgida no 2º século - o adocionismo - dentro da concepção judaica de compreender o *Messias*.²³ Depois da ressurreição, Jesus é constituído *Senhor* e está assentado à direita de Deus. A comunidade entende que depois da ressurreição, Deus lhe conferiu poderes propriamente divinos, uma posição que só compete a *Iahweh*. O fato de assentar-se à direita de Deus torna Jesus, na falta de outra palavra, *fenômeno* de Deus.²⁴ No entender desta comunidade, Jesus torna-se *Senhor e Cristo* devido a sua glorificação na ressurreição – At. 2,36; 3.13-15; 5.30,31; Rm.

²¹ BULTMANN, Idem. p. 91.

²² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, p. 165.

²³ GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*, p. 276.

²⁴ ROSSÉ, Idem. p. 53.

1.3,4 – e depois da páscoa a fórmula *Jesus é o Messias* (o Cristo) se torna em profissão de fé.²⁵

Afirmar que somente depois da ressurreição Jesus é constituído Filho de Deus, Messias e Senhor, não pode ser entendido como *adoção* de um simples homem em Filho de Deus. O fato é que a comunidade palestinese não reconheceu nenhum valor messiânico à atividade de Jesus antes da sua ressurreição, mas somente depois dela a pregação apostólica o transforma em Cristo.²⁶

3.2. O Judeu-Cristianismo Helenístico

O grupo que trataremos não é aquele de Atos 6, os *helenistas* judeus de Jerusalém que se organizam em torno de Estevão. O foco aqui será o grupo fora da Palestina.

Quando o cristianismo atinge outros lugares, saindo das fronteiras judaicas, ele é obrigado a incorporar em seu discurso categorias diferentes das judaicas. A tarefa era abrir o evangelho e ao mesmo tempo não *helenizá-lo*. As circunstâncias culturais é espectro para que a figura de Jesus tome outras proporções, agora em categorias *gregas*.

A pluralidade cristológica do Novo Testamento começa a ganhar cores diferentes a partir dessa abertura helênica para o evangelho. Enquanto que para os judeus de Jerusalém Jesus era o que havia sido prometido e a cristologia é coadunada com os moldes da lei, com os *gentios* as coisas mudam. Se Jesus não continuasse sendo o *Messias* prometido do Antigo Testamento deveria ser o que para o mundo gentílico?²⁷

Como representante dessa nova comunidade, o apóstolo Paulo irá fazer significativas mudanças na cristologia palestinese. Não que ele ignore essa cristologia (Rm. 1.3-4), mas a formula em outro contexto.

Devido o evangelho ter se espalhado pelo Império Romano e a cultura grega ser dominante, Jesus será interpretado por categorias gregas, dentro do pensamento grego da época. As primeiras distinções surgem em relação a alguns títulos. Por exemplo: o Filho do Homem, atribuição palestinese, desaparece completamente no contexto helênico. Para a comunidade palestinese *Senhor* é usado num sentido escatológico, de consumação do

²⁵ CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*, p. 176.

²⁶ ROSSÉ, Idem. p. 55.

²⁷ GOPPELT, Idem. p. 287.

mundo, porque esperavam que Jesus voltaria logo e seria o juiz escatológico (At. 3.20,21). Já em contato com a cultura helênica, *Senhor* ganha outro contorno.²⁸ Nessas comunidades, Jesus, como *Senhor*, é celebrado e sua presença invocada (1Co. 1,2). No contexto grego havia vários "deuses e senhores", inclusive o próprio imperador era "adorado" como "senhor". A comunidade proclama apenas um *Senhor*, Jesus Cristo (cf. 1Co. 8.5,6). Não resta dúvida de que o conceito *Senhor* tenha tido esta roupagem depois da ressurreição – Fp. 2,9. O *Senhor* na comunidade helênica é o exaltado e por isso é *Senhor* do cosmo mediante a cruz e a ressurreição.²⁹

Distinções também em relação ao título *Filho de Deus*. Enquanto que para Jerusalém ele remetia a uma relação de proximidade com o Deus da aliança, no ambiente helenístico surgem especulações sobre a essência divina e a natureza do salvador.³⁰

A evolução de uma cristologia palestinese para uma helênica, passa por um outro momento nas comunidades depois do período apostólico.

Se em Paulo há uma pincelada na *preexistência* de Jesus, com essas comunidades há um aprofundamento. Isso, é claro, devido a compreensão gentílica sobre o *mundo*. Enquanto o judeu experimenta o mundo como *história*, para o helenista o mundo é o *cosmo* – o universo dominado por poderes com intervenção cósmica no espaço terreno.³¹ O grego tinha uma visão de mundo muito pessimista. O *cosmo* era hostil; cheio de seres "espirituais"; potências cósmicas que podiam influenciar ou interferir na vida das pessoas. E para agradar esses "espíritos/potências" as pessoas veneravam, "adoravam", para que nada de ruim acontecesse a elas. Como disse Petrônio, escritor grego: "nossa região esta tão impregnada de espíritos, que é mais fácil tropeçar num deles do que em uma pessoa".³² Por este motivo, Cristo foi relacionado com o *cosmo*.

A *preexistência*, neste sentido, traduz justamente a superioridade de Jesus ressuscitado sobre o universo. Isso não tem nenhuma relação com a *divindade* de Jesus (não

²⁸ BORNKAMM, Idem. p. 176.

²⁹ GOPPELT, Idem. p. 333.

³⁰ ROSSÉ, Idem. p. 58.

BORNKAMM, Idem. p. 176.

³¹ GOPPELT, Idem. p. 321.

³² BELL, Albert. *Explorando o Mundo do Novo Testamento*, p. 125.

temos conceitos trinitários aqui ainda). A questão da *preexistência* não é uma anterioridade no tempo, mas a relação de Jesus com o *cosmo*.³³

É por meio destas comunidades pós-apostólica que surge a *crisologia cosmológica* – explícita, especificamente, em Efésios e Colossenses. Com a ressurreição, Cristo tem supremacia sobre essas potências (Ef. 1.20,21; Cl. 1.16,17). Jesus agora reina sobre o *cosmo* (universo) e todas as potestades cósmicas lhe estão sujeitas (Cl. 2.10,15). O *cosmo* nele subsiste, e ele é o princípio da coesão que mantém o mundo unido e impede que retorne o caos.

Tudo isso constitui a resposta cristã à busca da salvação segundo a problemática do mundo helênico.³⁴

Conclusão

A pluralidade cristológica do Novo Testamento é rica em informações e desdobramentos teológicos. Com isso temos nas mãos uma diversidade cristológica incrível e que precisa ser considerada. Estamos acostumados a olhar para Jesus Cristo nos moldes dos concílios e nos afastamos da interessante busca das comunidades primitivas em compreender a figura, obra e mensagem do Ressuscitado. A pergunta se o Novo Testamento considerou Jesus *divino* ou não, o que também não é nosso objetivo expor aqui, mas apenas constatar o fato da diversidade cristológica do Novo Testamento, deve ser respondida afirmativamente, mas dentro do conceito de *divindade* dos textos bíblicos e não em cima de especulações gregas sobre substância e naturezas,³⁵ mas a partir dos respectivos contextos - judaico ou helênico.

Com os textos e tradições produzidos pelas comunidades primitivas, chegamos à conclusão de que Jesus não poderá ser enquadrado e limitado por nenhum conceito hegemônico, mas sempre pluralístico. Ele é o profeta e o novo Moisés do evangelho de Mateus, o Servo Sofredor, o Filho do Homem escatológico, o Justo, o Senhor invocado e proclamado, o Cristo do *cosmo* e o *logos* que se materializa no rosto humano e surpreendente de Jesus de Nazaré.

³³ ROSSÉ, Idem. p. 59.

³⁴ ROSSÉ, Idem. p. 61.

³⁵ CULLMANN, Idem. p. 399.

Referências Bibliográficas

- BELL, Albert. *Explorando o Mundo do Novo Testamento*. Trad. João de Souza Filho. Belo Horizonte: Atos, 2001.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BORNKAMM, Güther. *Jesus de Nazaré*. Trad. José dos Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2004.
- CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001.
- FRAIJÓ, Manuel. *O Cristianismo*. Trad. Pedro Lima Vasconcellos e José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Martin Dreher e Ilson Kayser. 3ª ed. São Paulo: Teológica e Paulus, 2003.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Trad. Euclides Luiz Calloni. v. 2. São Paulo: Paulus, 2005.
- LÓPEZ, Ediberto. "O Jesus da História - Preliminares Metodológicas". In. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 47. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MAINVILLE, Odette. "Os Sinóticos e os Atos dos Apóstolos". In. MAINVILLE, Odette (org.). *Escritos e Ambiente do Novo Testamento*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MESTERS, Carlos. *Deus, Onde Estás?* 2ª ed. Belo Horizonte: Vega, 1972.
- MYRE, André. "Jesus e seu Movimento". In. MAINVILLE, Odette. *Escritos e Ambiente do Novo Testamento*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- PALACIO, Carlos. *Jesus Cristo: História e Interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979 (Col. Fé e Realidade 6).
- ROSSÉ, Gérard. "Testemunhos do Novo Testamento a Cerca de Jesus". In. VV.AA. *Jesus Cristo*. Trad. Olivo Cesca. 2ª ed. v. 1. São Paulo: Cidade Nova, 1983.
- SACHOT, Maurice. *A Invenção do Cristo*. Trad. Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2004 (Col. Bíblica Loyola 40).
- WITHERINGTON III, Ben. *História e Histórias do Novo Testamento*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- ZUURMOND, Rochus. *Procurais o Jesus Histórico?* Trad. Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 1998 (Col. Bíblica Loyola 24).

Pr. Alonso Gonçalves

Rua Coronel Neves, 213

Centro - Iporanga/SP

CEP: 18.330-000

Fone: (15) 3556-1188

pralgoncalves@yahoo.com.br